

A natureza da elipse de VP na aquisição: resultados de compreensão¹

Ana Lúcia Santos

FLUL / Onset-CEL

Neste trabalho, são apresentados os resultados de um teste de compreensão de elipse de VP, aplicado a crianças entre os 4 e os 6 anos de idade e que permitirá avaliar a capacidade, por parte das crianças, de resolver problemas de interface sintaxe – estrutura informacional.

1. A aquisição de elipse de VP e a interface sintaxe / estrutura informacional

A elipse é um tipo de anáfora frequente na produção espontânea, entendendo-se anáfora num sentido abrangente. De acordo com a formulação de Barss (2003: ix), “the term *anaphora* is used to cover a myriad disparate cases of a linguistic expression receiving part, or all, of its semantic interpretation via a dependency upon an antecedent, rather from its internal lexical content”. A produção e a compreensão de elipse exigem, portanto, a capacidade de estabelecer a referência do material elidido a partir da identificação de um antecedente discursivo.

É esta característica da elipse que, definindo-a como produto da interface sintaxe - discurso, a torna interessante para o trabalho em aquisição. Vários estudos no âmbito da aquisição de L1 têm sugerido que, embora se verifique uma convergência precoce entre a morfo-sintaxe do adulto e da criança (“Early Morphosyntactic Convergence”, Wexler, 1998), o desenvolvimento da interface sintaxe – discurso, ou sintaxe – pragmática, é mais tardio (Schaeffer, 1997; Hoekstra and Hyams, 1998; Avrutin, 1999). Em particular, Schaeffer (1997), ao estudar *scrambling* de objecto em Holandês, sugere que as crianças com dois anos, ao contrário dos adultos, nem sempre tomam em consideração o discurso anterior. Esta hipótese tem consequências importantes para a forma como concebemos a interface sintaxe / estrutura informacional nos primeiros estádios de aquisição: as noções de Novo e Dado implicam que se considere o discurso anterior. Assim, se a produção e a compreensão de elipse implica a capacidade de

¹ Este trabalho beneficia dos comentários de Inês Duarte, Luísa Loura (FCUL) e Ana Luísa Costa, bem como dos comentários de dois revisores anónimos. Obviamente, os erros que possam restar são apenas da minha responsabilidade. Agradeço às crianças e educadoras do Jardim de Infância do Alto da Faia (Agrupamento de Escolas de Telheiras) e do CEPI 5 de Outubro a participação na recolha de dados. Agradeço a Aleida Vieira, Inês Rosa, Karina Moreira e Vera Cabarrão a colaboração nessa recolha. Este trabalho foi realizado com o apoio do programa **POCTI-SFA-17-745** da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

estabelecer um antecedente discursivo, e aceitando que as crianças nem sempre consideram o contexto discursivo, poderíamos pensar que essas mesmas crianças não são capazes de produzir e compreender elipse nos primeiros estádios de aquisição, por não serem capazes de identificar o material elidido.

Mas vejamos, de forma mais precisa, como pode ser definida a interface sintaxe / estrutura informacional no que respeita à produção e compreensão de elipse. Os trabalhos clássicos sobre elipse de VP consideram que a convergência de uma estrutura elíptica exige que sejam respeitadas uma condição de legitimação e uma condição de identificação. A condição de legitimação pode ser definida como um parâmetro que especifica a classe de núcleos que, em cada língua, legitima elipse de VP² (Matos, 1992) ou como um traço que será instanciado numa dada categoria funcional (Merchant, 2001). Já a condição de identificação tem sido classicamente definida em termos de paralelismo morfo-sintático, entendido como uma condição de isomorfismo estrutural (Hankamer e Sag, 1976 e trabalho subsequente; veja-se, para o Português, os trabalhos de Matos, 1992 e Cyrino e Matos, 2005). No entanto, como vários autores mostraram (é o caso de Hardt, 1993), este tipo de condição não dá conta de todos os factos observados.

Mais recentemente, Merchant (2001) explora uma hipótese avançada por Tancredi (1992): os contextos de apagamento (“deletion”, elipse) são um subconjunto dos contextos de desacentuação. Assim, e assumindo que o material elidido tem de ser Dado, tal como o material desacentuado, mas que há ainda uma restrição suplementar sobre o material elidido, Merchant sugere a restrição em (1): a restrição em (1i) requer, em termos muito gerais, que uma expressão elidida seja Dada, na medida em que o antecedente deve implicar logicamente a expressão elidida; a restrição em (1ii), que se destina a derivar contrastes como em (2), obriga, por sua vez, a que a expressão elidida implique logicamente o antecedente. Isso explicará a razão pela qual o material omitido em (2) deve receber a interpretação em (2a): embora “chamar idiota ao Chuck” implique “insultar o Chuck”, “insultar o Chuck” não implica “chamar idiota ao Chuck”.

(1) “e-GIVENness

- An expression E counts as e-GIVEN iff E has a salient antecedent A and,
modulo \exists -type shifting,
(i) A entails F-clo(E), and
(ii) E entails F-clo(A)”

Merchant, 2001: 26

² Podendo, mesmo, nenhuma classe legitimar elipse de VP, como acontece em línguas que não disponibilizam este tipo de elipse (é o caso do Francês e do Castelhana, por exemplo).

(2) Abby called Chuck an idiot after BEN did [-].
 A. chamou C. um idiota depois de B. fez
 ‘O Abby chamou idiota ao Chuck depois de o Ben chamar.’
 a [-] = call Chuck an idiot b [-] ≠ insult Chuck
 chamar C. um idiota insultar C.
 Merchant 2001: 27

Como se mostrará, estes avanços teóricos ao nível do trabalho sobre elipse, definindo-a como fenómeno resolvido na interface sintaxe – estrutura informacional, têm consequências importantes para o trabalho em aquisição.

2. Investigação prévia sobre aquisição de elipse de VP

A elipse não é dos temas mais estudados no âmbito da aquisição. Há, no entanto, alguns trabalhos que se têm centrado sobretudo na aquisição de elipse de VP em Inglês e que têm, fundamentalmente, baseado as suas conclusões em procedimentos experimentais.

2.1. Trabalhos sobre o Inglês

Postman, Foley, Santelmann e Lust (1997) é um dos primeiros trabalhos sobre aquisição de elipse, do ponto de vista da produção. Neste trabalho, os autores mostram que crianças entre os 2;7 e os 3;11 são capazes de produzir elipse de VP em Inglês numa tarefa de repetição. As mesmas crianças são ainda capazes de produzir elipse quando a frase-estímulo não apresenta uma estrutura desse tipo:

(3) E: Bert wipes his nose and Mickey wipes his nose too.
 B. assoa seu nariz e M. assoa seu nariz também
 ‘Bert assoa-se e Mickey também se assoa.’
 S: Bert wipes his nose and Mickey does too. (JS 2;10)
 B. assoa seu nariz e M. faz também

Do ponto de vista da compreensão, Foley et al. (1997) e Foley et al. (2003) mostram que crianças entre os 3;0 e os 7;11 respondem adequadamente a tarefas de representação e de julgamento de valor de verdade (“Truth Value Judgment Task”) que envolvem a compreensão de elipse de VP, sendo capazes de leituras “strict” e “sloppy”, como os adultos.³ Guo et al. (1996) chega ao mesmo tipo de conclusões, testando crianças chinesas (3;5 – 6;11) numa tarefa de representação.

³ Apresentam-se de seguida exemplos dos dois tipos de leitura:

i. O João deu uma prenda à mãe e a Teresa também deu.

a. a Teresa deu uma prenda à sua mãe (*sloppy*); b. a Teresa deu uma prenda à mãe do João (*strict*)

Thornton e Wexler (1999), trabalhando sobre a interpretação de pronomes em contextos de elipse de VP, confirmam que crianças entre os 4;0 e os 5;1 são capazes de recuperar a estrutura sintáctica do material elidido. Em particular, mostram que as crianças são sensíveis a uma restrição sobre a interpretação de elipse de VP que chamam de “paralelismo estrutural” e que é definida da seguinte forma: “NPs in the elided and antecedent VP must both be bound variables or both be referential pronouns” (Thornton e Wexler, 1999: 117). A sensibilidade a esta restrição leva os autores a sugerir que se trata de uma restrição inata. Matsuo & Duffield (2001) confirmam, através de uma tarefa de julgamento de gramaticalidade, a sensibilidade a uma restrição de paralelismo morfo-sintáctico sobre a elipse. Se tomarmos este tipo de restrições de paralelismo sobre a elipse como parte de uma condição de identificação, reformulando-a como resultando da interface sintaxe – estrutura informacional, estes resultados encontram-se de acordo com os resultados apresentados em Wijnen e Roeper (2005), segundo os quais a elipse, em particular, a elipse nominal, é um dos primeiros tipos de integração discursiva de que as crianças são capazes.

No entanto, e apesar desta aparente unanimidade no que diz respeito aos resultados das crianças em tarefas de compreensão de elipse, Grodzinsky (2005) argumenta que não há dados suficientes para provar que a interpretação que as crianças atribuem a um VP elidido é aquela que os adultos atribuem. Em particular, Grodzinsky sugere que, em testes como o que é apresentado por Thornton e Wexler, os itens de teste não prevêem possibilidades de interpretação suficientes. Em particular, no teste de Thornton e Wexler (1999), para aceitarem uma frase como (4) no contexto em que Fozzie Bear beija a sua própria mão e não o dinossauro (leitura rejeitada pelas crianças, tal como pelos adultos), as crianças teriam de aceitar uma acção transitiva no antecedente e uma acção reflexiva na elipse.

(4) [_A The caveman kissed the dinosaur] and [_E Fozzie Bear did, too].

Assim, Grodzinsky propõe outro tipo de metodologia, desenvolvendo um teste de Julgamento de Valor de Verdade em que as crianças têm de avaliar a correspondência entre frases e imagens. As imagens envolvem sempre três personagens, sendo todas mencionadas. Por exemplo, as crianças avaliam uma frase como (5), relativamente a uma imagem em que uma rapariga dá um pontapé a um tigre e a mesma rapariga dá também um pontapé a um rapaz. Os resultados de Grodzinsky sugerem que as crianças (4;9 – 5;9) aceitam por vezes este tipo de frases em contextos não esperados, como o descrito. No entanto, a maioria das crianças apresentou respostas adultas e não foram encontrados efeitos de idade nos resultados.

(5) The girl kicked a tiger and the boy did too.
a rapariga pontapeou um tigre e o rapaz fez também
'A rapariga deu um pontapé a um tigre e o rapaz também deu.'

Os resultados de Grodzinsky (2005) são, como o autor indica, preliminares (duas em cinco crianças apresentam respostas não adultas), mas deixam clara a necessidade de um estudo mais pormenorizado da interpretação de material elidido por crianças em idade pré-escolar.

2.2. Um trabalho sobre o Português Europeu

Em Santos (2006, 2007) avalia-se a produção espontânea de três crianças entre os 1;5.9 e os 3;11.12 (MLUw⁴ 1.286 – 3.815) e observam-se contextos de resposta a interrogativa global. Na verdade, o Português Europeu, por disponibilizar respostas verbais analisáveis como elipse de VP (veja-se Matos, 1992 e, em particular, Martins, 1994), oferece a possibilidade de explorar a aquisição de elipse de VP num estádio em que as crianças não produzem os contextos de coordenação em que normalmente encontramos esta estrutura. Em (6), apresenta-se um desses contextos:

(6) P: Tens lido o jornal?

- R: a. Tenho. - Resposta verbal (elipse de VP)
b. Sim. - Resposta *sim*
c. É. - Resposta *ser*

De acordo com os resultados obtidos, as crianças que adquirem o Português Europeu produzem elipse de VP em respostas verbais, como nos casos (7) a (9).

(7) MAE: estás lhe a dar colo?

INI: (es)tou.

Inês 2;1.10

(8) MAE: o cavalo vai papar?

TOM: vai.

Tomás 1;9.14

(9) MAE: está sujo ?

INM: (es)tá .

Inês M. 1;7.6

De acordo com os dados apresentados em Santos (2006, 2007), as crianças produzem respostas verbais com uma frequência relevante (foram encontradas 1060 respostas verbais em todo o *corpus*). Verificando-se que todas as respostas verbais são compatíveis com uma análise como elipse de VP, mas que algumas poderiam ser também derivadas como casos de objecto nulo, anáfora do complemento nulo ou queda de argumento, identificou-se a percentagem de respostas que devem ser forçosamente analisadas como elipse de VP. Assim, verificou-se que 20,6% (218 casos) são casos não

⁴ Número médio de palavras por enunciado.

ambíguos de elipse de VP – desses casos, são exemplo as respostas em (7) a (9), em que a elipse é legitimada por um verbo auxiliar ou por um verbo copulativo (com uma forma diferente das formas *é*, *foi* ou *era*, que podem também ocorrer como respostas *ser*, veja-se 6).

Estes números, acrescidos do facto de se encontrarem, na produção espontânea, casos não ambíguos de elipse de VP desde os primeiros estádios de aquisição (< 2 anos, MLUw igual ou inferior a 2.0), permite argumentar a favor de uma convergência morfo-sintáctica precoce entre a gramática da criança e a gramática do adulto. No entanto, estes dados permitem também a sugestão de que, nestes estádios iniciais de aquisição, a criança é capaz de resolver os problemas de interface sintaxe – estrutura informacional levantados pela elipse, nomeadamente, é capaz de reconhecer a restrição de *e-givenness* (definida em 1) que actua sobre a elipse de VP. Na verdade, em Santos (2006, 2007) apresento argumentos a favor da hipótese de que essa restrição seja derivável de uma restrição universal que estabeleça que o material fonologicamente desacentuado é Dado (de que decorreria li) e do Princípio de Interpretação Plena (Chomsky, 1986) (de que decorreria lii). Assim, assumo que a restrição de *e-givenness* deriva de restrições e princípios inatos.

2.3. Uma predição: compreensão de elipse do VP

A restrição de *e-givenness*, apresentada em (1) e proposta por Merchant (2001) é, essencialmente, uma restrição de identificação do material elidido. Em Santos (2006, 2007), sugere-se que as crianças operam desde muito cedo de acordo com esta restrição, que poderá ser derivável de princípios inatos. Esta hipótese é compatível com os resultados obtidos na análise de produção espontânea apresentados em Santos (2006), bem como com os resultados de produção provocada apresentados em Postman, Foley, Santelmann e Lust (1997).

Mas esta é, obviamente, uma hipótese que faz sobretudo predições importantes sobre a compreensão. Note-se que a análise de elipse de VP que aqui assumo e que implica uma restrição de identificação sobre a elipse definida como *e-givenness* é uma análise que toma a elipse como apagamento (“deletion”). Assim, um VP elidido é um VP plenamente projectado que é apagado em PF. A possibilidade de apagamento depende de se verificar o que é exigido pela condição de identificação (*e-givenness*), condição que, basicamente, implica que o material elidido seja recuperável a partir de um antecedente linguístico. Caso se pensasse que as produções de (aparente) elipse de VP em estádios iniciais de aquisição poderiam corresponder não a elipse de VP adulta mas, por exemplo, a um *pro* em posição de complemento do verbo (hipótese que rejeito de forma independente em Santos 2006), seria possível pensar que a interpretação do material não foneticamente realizado não seria igualmente restringida: tratando-se de um *pro*, a interpretação poderia ser determinada pelo contexto situacional e não necessariamente por um antecedente discursivo, como acontece com a anáfora de

complemento nulo (veja-se Hankamer & Sag, 1976 e, para a análise de anáfora de complemento nulo como *pro*, Depiante, 2000, 2001).

Os resultados obtidos até agora relativamente à compreensão de elipse de VP sugerem que as crianças são capazes de uma interpretação adulta, o que estará de acordo com uma hipótese segundo a qual a condição de identificação que opera sobre a elipse é derivável de restrições inatas. No entanto, os resultados obtidos por Grodzinsky (2005) são um desafio a esta hipótese, sugerindo, precisamente, que as crianças podem determinar a interpretação do material elidido não de acordo com um antecedente discursivo mas de acordo com uma interpretação saliente no contexto situacional. De seguida, apresento os resultados de um teste de compreensão de elipse em Português Europeu, desenvolvido de acordo com a linha de investigação definida em Grodzinsky (2005).

3. Compreensão de elipse: um trabalho experimental

3.1. Procedimento experimental

Foi aplicado, a um grupo de 44 crianças entre os 4;5 e os 6;7⁵, um teste de compreensão de elipse de VP, que consiste numa tarefa de julgamento de valor de verdade (“Truth Value Judgment Task”, Crain & Thornton, 1998) – veja-se a tabela 1. Foram ainda testados cinco adultos (não linguistas) para aferir as respostas.

Tabela 1 - sujeitos: número e idades médias

4 anos (média: 4;8)	5 anos (média: 5;6)	6 anos (média: 6;4)
8	25	11

O teste foi aplicado por duas experimentadoras, uma contando uma história e representando-a com a ajuda de pequenos bonecos; outra manipulando um fantoche que dizia as frases a avaliar. Uma terceira experimentadora anotava as respostas das crianças, que eram também gravadas em formato áudio. Dado o número de condições e itens de teste, cada criança foi testada em duas sessões separadas de cerca de 30 minutos cada. A apresentação era iniciada por um item de treino, que permitia perceber se a criança tinha compreendido o procedimento e, no intervalo da apresentação dos itens correspondendo às diferentes condições, foram apresentados itens “filler”, permitindo equilibrar o número de respostas Falso e Verdadeiro.

⁵ O teste foi ainda aplicado a outras cinco crianças, que foram excluídas. Num caso, identificou-se um caso de “yes bias” (tendência para responder sempre *sim*). Nos restantes quatro casos, todos os experimentadores concordaram que as crianças não estavam atentas durante a apresentação das histórias.

Em primeiro lugar, e como é conhecido, o Português é uma língua que tem movimento generalizado do verbo para I, pelo que a elipse de VP, legitimada numa configuração em que o verbo se encontra em I e c-comanda o material elidido, pode ser legitimada quer por verbos auxiliares quer por verbos principais (veja-se Raposo, 1986, Matos, 1992). Assim, foram incluídos, nas condições 0 a 3, quer itens em que a elipse é legitimada por um verbo principal quer itens em que a elipse é legitimada por um verbo auxiliar (vejam-se as duas variantes da frase de teste apresentadas em 10). Na condição 4 foi apenas incluído um item de elipse legitimada por verbo principal; na condição 5, apenas um item de elipse legitimada por verbo auxiliar.

Por outro lado, avaliando-se frases em que a elipse de VP é legitimada por verbos principais, seria necessário restringir os itens de teste a casos não ambíguos de elipse de VP. Em Português, existe elipse de VP, mas existem também outros tipos de anáfora nula, como é o caso de objecto nulo. Assim, o material omitido em (11) poderá ser derivado como elipse de VP ou como objecto nulo, sem que isso, neste contexto preciso, tenha consequências para a interpretação.

- (11) O tigre magoou o leão e o porco também magoou [-].
[-] = o leão

De forma a evitar este tipo de ambiguidade e a restringir os casos em análise a casos que tenham de ser derivados como elipse de VP, as frases utilizadas nas condições 0 a 4 foram frases com verbos ditransitivos, em que era necessário, portanto, recuperar um complemento directo e um complemento indirecto (em Santos 2006, apresento argumentos que mostram que estes casos só podem ser derivados como elipse de VP). No caso da condição 5, tratando-se de elipse legitimada por um verbo auxiliar, este problema não se coloca.

Seguindo-se o formato dos itens de teste usados em Grodzinsky (2005), cada frase mencionava três personagens que apareciam efectivamente na história (no caso do teste de Grodzinsky, as frases eram avaliadas antes por confronto com imagens) e cada personagem é mencionada na frase de teste através de um DP foneticamente realizado. Nos casos das condições 1, 2 e 3, a não correspondência entre o contexto e a frase é determinada ou pela interpretação do complemento indirecto elidido (juntamente com o VP) ou pela interpretação de toda a oração coordenada, incluindo o VP elidido. No caso da condição 4, apenas a interpretação do complemento directo dentro do VP elidido é suficiente para determinar a ausência de correspondência.

Finalmente, a condição 2 merece uma especial atenção, em particular nos casos de elipse legitimada por um verbo principal. Como se observa em (12), nesta condição a frase pode ser interpretada como verdadeira se o material omitido for interpretado como recuperando apenas o objecto (veja-se 12a, avaliada de acordo com a situação apresentada no exemplo), caso em que poderíamos estar perante uma interpretação como objecto nulo.

(12)

Situação: O tigre deu comida ao leão e o porco deu comida ao tigre.

Frase de teste: O tigre deu comida ao leão e o porco também deu [-].

a. [-] = comida

b. [-] = comida ao leão

Estas duas possibilidades de interpretação são, aliás, explicitadas por um dos sujeitos adultos, que escolhe a interpretação (12 a). Assim, a avaliação dos resultados neste item de teste pode também indicar uma leitura preferencial.⁶

Tendo agora uma visão geral do teste, das diferentes condições e sub-condições (i.e. versão com verbo auxiliar ou com verbo principal), é possível apresentar um quadro mais pormenorizado da sua aplicação. Os sujeitos foram divididos em dois grupos, incluindo cada um crianças de todos os níveis etários considerados (grupo A: 26 sujeitos, 4;7.10 – 6;7.26, média 5;9; grupo B: 18 sujeitos, 4;5.28 – 6;6.4, média 5;4). Cada grupo respondeu a um sub-teste que continha um item de teste para as condições 1 a 5 (e respectivas sub-condições); no caso da condição 0, o grupo A respondeu a um item que correspondia à sub-condição de verbo principal e o grupo B a um item de teste que correspondia à versão com verbo auxiliar. A ordem de apresentação dos itens de teste que correspondem às diferentes condições e sub-condições foi diferente em cada um dos dois grupos.

Como é usual, quando os sujeitos avaliavam como falsa uma frase, foi-lhes pedida uma justificação. De acordo com o que é também usual, não foram consideradas respostas duvidosas.

3.2. Resultados

A aplicação do teste ao grupo de adultos mostra que a interpretação dos adultos é a esperada, excepto em três respostas, duas apresentadas por um sujeito e outra apresentada por um outro sujeito. Uma dessas respostas é a que comentei na secção anterior, verificando-se num item que corresponde à condição 2, as restantes verificaram-se uma num item correspondendo à condição 1 e outra num item correspondendo à condição 0. Ao todo, 93.3% das respostas apresentadas pelos adultos estavam de acordo com o esperado.

Os resultados obtidos (Tabela 2) mostram que as crianças testadas impõem as mesmas restrições que os adultos à interpretação de elipse de VP: em qualquer das condições, os resultados situam-se acima dos 70% de respostas adultas, com uma média global de 82,3% de respostas adultas. Os resultados mostram ainda que, entre todas as condições, as condições 1, 2 e 3, em que era necessário avaliar a interpretação do complemento indirecto elidido (juntamente com o VP) ou a interpretação de toda a

⁶ Para uma discussão mais detalhada das possibilidades de leitura dos itens de teste na condição 2, veja-se Santos (no prelo).

oração coordenada, incluindo o VP elidido, são as que maior dificuldade apresentam à criança. Contudo, ainda neste caso as respostas adultas correspondem a mais de 70% dos casos.⁷

Tabela 2 – Resultados do teste de compreensão (por condição)

Condição	0	1	2	3	4	5	Total
Resposta não adulta	0	18 22,8%	20 25,3%	21 27,3%	2 5,4%	1 2,9%	62 17,7%
Resposta adulta	44 100%	61 77,2%	59 74,7%	56 72,7%	35 94,6%	33 97,1%	288 82,3%

Por outro lado, e embora este não seja um aspecto central neste trabalho, parece haver claramente um efeito da condição nos resultados obtidos, apresentado as condições 1, 2 e 3 níveis de erro mais elevados do que as condições 4, 5 e 0. Se tomarmos em consideração apenas as condições 1 a 5 (na condição 0, a resposta esperada é *sim*, ao contrário do que acontece nas restantes condições), obtém-se uma associação significativa entre a condição e o sucesso na resposta ($\chi^2(4) = 15,271$, $p = .004$).⁸ É interessante notar que as condições com níveis de sucesso mais baixos são aquelas em que é crucial recuperar o complemento indirecto ou interpretar toda a oração coordenada (incluindo o sujeito) para aceder à interpretação adulta; esta situação contrasta com a da condição 4, em que bastava recuperar o complemento directo.

É ainda importante considerar a distribuição dos resultados por grupo etário (4, 5 e 6 anos). Esta distribuição mostra que, em qualquer grupo, a percentagem de respostas adultas se situa acima dos 77%, o que permite assumir conhecimento adulto em qualquer dos grupos - veja-se a Tabela 3. Há ainda a notar uma diferença entre os grupos relativamente ao nível de respostas adultas (no sentido do crescimento), embora este efeito não possa ser considerado significativo ($\chi^2(2) = 1,995$, $p > .05$).

⁷ Uma percentagem claramente acima do *chance level*, i.e. claramente acima dos 50%.

⁸ Não há efeito da variável sujeito (apenas duas crianças no grupo de 44 apresentaram um número significativo de respostas não adultas).

Tabela 3- Resultados do teste de compreensão (por grupo etário)

Idade	4	5	6
não adulto	14 22,6%	35 18%	13 13,8%
adulto	48 77,4%	159 82%	81 86,2%

Outro aspecto a considerar será a distribuição das respostas adultas e não adultas pelos itens construídos com elipse de VP legitimada por verbo principal e elipse de VP legitimada por verbo auxiliar. Como se observa na Tabela 4, quer num caso quer noutra é possível assumir que as crianças atribuem uma interpretação adulta à elipse de VP, na medida em que assumem as restrições definidas na gramática adulta, nos três níveis etários considerados.

Tabela 4 – Verbos auxiliares vs. verbos principais

Idade	V Principal	V Auxiliar
4	25 (em 31) 80,6%	23 (em 31) 74,2%
5	80 (em 101) 79,2%	79 (em 93) 84,9%
6	44 (em 51) 86,3%	37 (em 43) 86%

Finalmente, no que diz respeito especificamente à Condição 2, nos casos em que a elipse é legitimada por um verbo principal, os resultados obtidos mostram que as crianças preferem a leitura como elipse de VP, em que todo o material no VP é recuperado, a uma leitura em que apenas o complemento directo é recuperado – 83,8% (31 em 37) dos casos são respostas como elipse do VP.

4. Conclusão

Os dados observados não permitem sugerir, como faz Grodzinsky, que as crianças não restringem a interpretação de elipse de VP da mesma forma que os adultos. Pelo contrário, indicam que as crianças são capazes de usar o contexto discursivo para determinar a interpretação de material omitido e, mais ainda, sabem que um VP elidido tem de ter um antecedente linguístico. Assim, estes resultados não invalidam a hipótese de que a restrição de identificação sobre a elipse, que pode ser definida como *e-*

-*givenness*, seja derivável de princípios inatos e, portanto, possa ela própria ser definida como inata.⁹

Finalmente, estes dados não invalidam a hipótese de que a criança seja capaz de operar na interface sintaxe – estrutura informacional desde os primeiros estádios de aquisição; pelo contrário, mostra-se que a criança é capaz de operar nessa interface pelo menos a partir dos 4 anos idade (se atendermos apenas aos dados de compreensão disponíveis) ou mais cedo (se atendermos também a dados de produção). A elipse poderá ser, assim, e como sugerido por Wijnen & Roeper (2005), uma das primeiras formas de integração discursiva observadas nas crianças.

5. Referências

- Avrutin, S. (1999). *Development of the Syntax-Discourse Interface*. Dordrecht / Boston / London: Kluwer Academic Publishers.
- Barss, A. (ed.) (2003) *Anaphora. A Reference Guide*. Oxford: Blackwell.
- Chomsky, N. (1986) *Knowledge of Language. Its Nature, Origin and Use*. Westport / Connecticut / London: Praeger.
- Crain, S. and R. Thornton (1998) *Investigations in Universal Grammar. A Guide to Experiments on the Acquisition of Syntax and Semantics*. Cambridge, Mass: The MIT Press.
- Cyrino, S. & G. Matos (2005) Local licensers and recovering in VP ellipsis. *Journal of Portuguese Linguistics*. 4 (2), pp. 79-112.
- Depiante, M. (2000) *The Syntax of Deep and Surface Anaphora: A Study of Null Complement Anaphora and Stripping / Bare Argument Ellipsis*. PhD Dissertation: University of Connecticut.
- _____ (2001) On null complement anaphora in Spanish and Italian. *Probus*. 13(2), pp. 193-221.
- Foley, C. et al. (1997) Operator- Variable binding in the initial state: an argument from English VP ellipsis. In S. Somahekar et al. (eds.) *Cornell Working Papers in Linguistics* 15: 1-19.
- Foley et al. (2003) Knowledge of variable binding in VP-ellipsis: language acquisition research and theory convergence. *Syntax* 6 (1), pp. 52-83.
- Grodzinsky, Y. (2005). Ellipsis in deficient language users: Parallels (and divergences) in parallelism. Plenary talk given at GALA 2005, University of Siena.
- Guo, F. et al. (1996) Operator-variable binding in the initial state: a cross-linguistic study of VP ellipsis structures in Chinese and English. *Cahiers de Linguistique – Asie Orientale* 25(1), pp. 3-34.

⁹ Para uma discussão destes resultados que inclui os possíveis efeitos das diferenças de metodologia entre este estudo e o estudo de Grodzinsky (2005), veja-se Santos (no prelo). Sugere-se aí que parte dos erros obtidos em Grodzinsky (2005) seja um efeito da metodologia utilizada.

- Hankamer, J. and I. Sag (1976) Deep and surface anaphora. *Linguistic Inquiry*. 7(3), pp. 391-426.
- Hardt, D. (1993) *VP Ellipsis, Form, Meaning and Processing*. Ph.D. Dissertation, University of Pennsylvania.
- Hoekstra, T. and N. Hyams (1998) Aspects of root infinitives. *Lingua* 106, pp. 81-112.
- Martins, A. M. (1994) *Os Clíticos na História do Português*. Doctoral Dissertation. Universidade de Lisboa.
- Matos G. (1992) *Construções de elipse do predicado em Português. SV Nulo e Despojamento*. Doctoral Dissertation. Universidade de Lisboa.
- Matsuo & Duffield (2001) "VP-ellipsis and anaphora in child language acquisition". *Language Acquisition*. 9 (4), pp. 301-327.
- Merchant, J. (2001) *The Syntax of Silence. Sluicing, Islands and the Theory of Ellipsis*. Oxford: Oxford University Press.
- Postman, W., C. Foley, L. Santelmann e B. Lust (1997) Evidence for Strong Continuity: New experimental results from children's acquisition of VP-ellipsis and bound variable structures. *MIT Working Papers in Linguistics*, 31, pp. 327-344.
- Raposo, E. (1986) On the null object in European Portuguese. In O. Jaeggli and C. Silva-Corvalán (eds.) *Studies in Romance Linguistics*. Dordrecht: Foris Publications.
- Santos, A. L. (2006) *Minimal Answers. Ellipsis syntax and discourse in the acquisition of European Portuguese*. Doctoral Dissertation. Universidade de Lisboa.
- _____ (2007) A poverty-of-the-stimulus argument for the innateness of the identification conditions on VP ellipsis. In S. Baauw, F. Drijkoningen & M. Pinto (eds.) *Romance Languages and Linguistic Theory 2005*. Selected Papers from "Going Romance" 2005. John Benjamins.
- _____ (no prelo) "Early VP ellipsis: production and comprehension evidence". In Acrísio Pires & Jason Rothman (eds.) *Minimalist Inquiries into Child and Adult Language Acquisition: Case Studies across Portuguese*. Mouton de Gruyter.
- Wexler, K. (1998) Very early parameter setting and the unique checking constraint: a new explanation of the optional infinitive stage. *Lingua*. 106: 23-79.
- Schaeffer, J. C. (1997). *Direct Object Scrambling in Dutch and Italian Child Language*. PhD Dissertation. University of California in Los Angeles.
- Thornton, R. & K. Wexler (1999) *Principle B, VP ellipsis and Interpretation in Child Grammar*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.
- Wijnen, F. & T. Roeper (2005) Nominal ellipsis, reconstruction and discourse binding. Talk given at the IASCL Meeting. Berlin.